

MEMÓRIA, EMIGRAÇÃO, FESTA E RETORNO A PARTIR DO INTERIOR NORDESTE PORTUGUÊS

Weslei Estradiote Rodrigues¹

Resumo: Este trabalho é uma reflexão teórico-metodológica sobre o estudo das migrações com base na revisitação e recorte da etnografia multilocalizada (MARCUS, 1996) que desenvolvi entre 2011 e 2013. O estudo enfoca uma aldeia no interior nordeste de Portugal que é intensamente marcada pela emigração. Os censos decenais comprovam o progressivo e regular esvaziamento das aldeias de modo geral, e de Vilas Boas especificamente. No entanto, a pergunta primeira que move a pesquisa não é a comum “por que partem?” (embora seja também relevante), mas sobretudo “por que continuam voltando?”. A mobilidade como centro da problemática aponta para a temporalidade cíclica da migração. Procurarei destacar os significados êmicos do regresso anual nos períodos festivos, observando os modos pelos quais a vida nos contextos de destino se articula à temporalidade propriamente local das celebrações (que são para as aldeias eventos altamente ansiados, momento em que culmina todo o processo social aqui focado). Por meio do retorno, cidade e aldeia passam a constituir um mesmo sistema social em que a experiência do emigrante está sempre atravessada por suas estratégias de ascensão social. Desse modo, buscarei analisar os modos pelos quais a migração e os migrantes continuam produzindo a aldeia por meio de uma economia do retorno.

Palavras-chave: Emigração. Retorno. Festa. Consumo. Transnacional.

Abstract: This work is a methodological and theoretical reflection on the study of migrations from the revisiting and snippet of the multilocalized ethnography (MARCUS, 1996) that I developed between 2011 and 2013.. The study focuses on a village in the northeastern Portugal that is intensely marked by emigration. The decennial censuses prove the progressive and regular emptying of the villages in general, and Vilas Boas specifically. However, the first question that moves the research is not the common "why do they leave?" (although it is also relevant), but above all "why do they keep coming back?". Mobility as the center of the problem points to the cyclical temporality of migration. I will try to highlight the emic meanings of the annual return in the festive periods, noting the ways in which life in the contexts of destiny is articulated to the temporality proper of the celebrations (which are for the villages highly desired events, at which culminates the whole social process here focused). Through return, city and village compose the same social system in which the experience of the emigrant is always crossed by its strategies of social ascension. In this way, I will try to analyze the ways in which migration and migrants continue to produce the village through a return economy.

Keywords: Emigration. Return. Festival. Consumption. Transnational.

¹ Doutor em Sociologia pela Universidade de São Paulo.

O presente artigo aborda as dinâmicas contemporâneas da emigração portuguesa. Ele é um recorte da pesquisa etnográfica multilocalizada (MARCUS, 1996) que realizei entre 2011 e 2013 (RODRIGUES, 2013), e uma reflexão sobre a construção metodológica e os modos de encarar os dados. O estudo enfoca uma aldeia do interior nordeste de Portugal que, como a maioria das aldeias portuguesas, é há décadas intensamente marcada pela emigração. Busco analisar o fenômeno do retorno anual dos emigrantes para as festividades religiosas do verão, em que a aldeia assume uma temporalidade aberta², receptiva, em que a celebração a Nossa Senhora da Assunção congrega aldeões residentes, emigrantes e peregrinos marianos.

Os censos decenais do Instituto Nacional de Estatística de Portugal (INE-PT) atestam³ o progressivo e regular esvaziamento das aldeias de modo geral, e de Vilas Boas⁴ especificamente. No entanto, tornou-se notório que, a despeito do progressivo rareamento populacional, a aldeia continua ocupando papel de destaque na economia simbólica da migração: referente para o qual sempre se retorna, a aldeia é o lastro de toda a trajetória e conquista do migrante. Com cada vez menos pessoas, ela continua crescendo, com casas e, sobretudo, com celebrações cada vez mais suntuosas. Por esse motivo foi que busquei nessa pesquisa pensar a mobilidade populacional de um ponto de vista que enfoca majoritariamente as relações construídas e mantidas com referência ao contexto de partida dos agentes migrantes. Assim, a pergunta primeira que move a pesquisa não é a comum “por que partem?” (embora seja também relevante), mas sobretudo “por que continuam voltando?”. A dinâmica das mobilidades como centro da problemática sugere uma temporalidade cíclica da migração, que é produzida entre afastamentos e retornos que respeitam a lógica local, nativa, das celebrações (religiosas e pagãs) anuais.

² Joaquim Pais de Brito (1996) descreve essa uma lógica cíclica de fechamento e abertura similar à observada, que se dá a partir da oposição entre inverno e verão, descrevendo a estação fria como aquela das incertezas com relação à colheita e da centripetia das comunidades, frente à “abertura da comunidade ao seu exterior, ativação de uma sociabilidade inter-aldeã bem patente nas mútuas freqüentações das festas dos santos padroeiros e nas deslocações e encontros no espaço comum do santuário e das romarias” e à fartura das colheitas de verão.

³ Segundo dados do censo oficial, em 1960 Vilas Boas tinha cerca de 1098 habitantes, em 1970 passou para 759 e segundo o censo mais recente, de 2011, tinha cerca de 550 residentes fixos. Dados disponíveis no site http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpgid=censos2011_apresentacao&xpid=CENSOS (consultado pela última vez em 25 de abril de 2021)

⁴ Vilas Boas é uma aldeia do concelho de Vila Flor, no distrito de Bragança, na porção nordeste de Portugal, na sub-região do Alto Trás-os-Montes. As aldeias são as menores unidades administrativas do mapa político português. São também a forma pela qual se organizam a moradia e a vizinhança no espaço rural em Portugal. Em geral, são constituídas por um núcleo de habitações na maior parte das vezes bastante antigo, acercado de habitações mais recentes.

A etnografia realizada recorreu, então, à figura conceitual do “transmigrante” que, diferente do migrante convencionalmente concebido, não é pensado como aquele que abandona um local de origem e, depois de uma trajetória mais ou menos tortuosa e incerta, acaba se estabelecendo em um ponto final, um local de destino. A ênfase da concepção do transmigrante recai sobre os trânsitos que ele opera e não sobre sua condição de estrangeiro tomada do ponto de vista da sociedade receptora. Esse deslocamento do enfoque associado à maneira pela qual é concebido o agente migrante implica consequências teóricas decisivas para a compreensão dos fenômenos migratórios contemporâneos. A principal delas é uma mudança no estatuto concedido às sociedades de origem no cômputo da análise, que deixam de ocupar o plano de mero universo de socialização primária (matriz cultural) do migrante para, enfim, ocupar definitivamente posição ativa na conformação dos trânsitos migratórios. Desse ponto de vista epistêmico, origem e destino passam a ser articulados em um mesmo plano, como componentes de um campo social que se constitui transnacionalmente, suprafronteiriço, no qual a regra é a simultânea⁵ filiação do agente a dois ou mais territórios.

Ademais, além de resultar em um modo de envolver a sociedade de origem na análise, esse modo de focar o agente migrante redundava em uma concepção específica sobre a migração, que passa a ser notada não como mero resultado de fatores de pressão demográfica, mas, sim, apreendida de modo êmico, segundo os significados culturais a ela atribuídos como prática continuada e reproduzida no tempo. Procuo, portanto, formular uma abordagem da migração em múltiplas escalas, que não a apreende apenas enquanto fenômeno estatístico, mas a partir de um olhar aproximado, procurando entrever como ela é construída, interpretada e representada pelo migrante em suas práticas e em seu discurso.

Assim, seja o trânsito de idas e vindas entre os países praticado (com maior ou menor frequência) ou apenas projetado, importa notar que, no caso analisado e em inúmeros outros casos⁶, o quadro de valores e relações do contexto social de origem implica de modo decisivo os modos de elaboração autobiográfica (quando o agente insere a emigração como um elemento lógico em um quadro conjuntural recriado *a posteriori*) e significação da experiência migratória. Quero com isso dizer que o estabelecimento de estratégias migratórias individuais se relaciona em grande medida à estrutura de acolhimento proporcionada pelo conjunto de relações que o migrante porventura encontrará no contexto de destino pretendido.

5 Sobre a noção de “simultaneidade” (simultaneity), ver GLICK-SCHILLER e LEVITT (2004: 1002).

6 Ver, por exemplo, LEVITT (2001); B. FELDMAN-BIANCO (2009) e MACHADO (2009b).

É claro que no âmbito da União Europeia, a partir de 1986, os trânsitos se tornaram muito mais frequentes e as curtas distâncias entre os países favorecem os deslocamentos pendulares. Obviamente, os retornos ocasionais como característica da emigração portuguesa se acentuaram do final da década de 1980 em diante. A cíclica remarcação da pertença tornou-se um cada vez mais vetor da dinâmica migratória e é a essa modalidade de retorno, engendrado nas condições históricas e sociais aqui descritas, que pretendo me referir.

Ademais, a pesquisa buscou identificar as redes migrantes que constituem (e, muitas das vezes, reconstituem) nos contextos de destino relações de parentesco e vizinhança. Do mesmo modo, a pesquisa objetivou delinear os modos de distender relações sociais através das fronteiras nacionais, bem como os modos de constituir o reencontro. Trata-se de, com base no reconhecimento de uma configuração transnacional, procurar compreender de que modo a dispersão populacional é um fator que produz a aldeia⁷, o plano local, por meio dos retornos periódicos e da participação intensiva e continuada dos emigrantes por meio de redes distendidas de relações que envolvem parentesco, afinidades, sociabilidades, rivalidades, vicinalidades, etc.

A emigração como processo histórico-social

O século XIX é referencial para as análises diacrônicas sobre a dinâmica emigratória em Portugal. Desde o final do século a emigração ganhou volume tanto em números absolutos quanto na atenção que recebe nos debates públicos e se torna tema “de uma ampla polémica nas esferas políticas e nos meios intelectuais. (...) ‘Mal necessário’ ou a ‘evitar’, ela tem um lugar de destaque na representação colectiva da sociedade portuguesa através da figura do emigrante” (PAULO, 2000: 62-63). O debate se dividia entre um discurso ufanista, que exaltava o emigrante como portador de uma espécie de “vocação” desbravadora, e um discurso pessimista, que temia a emigração como uma espécie de grande mal, algo a ser contido⁸.

7 Espécie de nó etnográfico, a aldeia, princípio e fim da análise, constitui o que George Marcus chama de “contexto multilocalizado”. Segundo o autor, em locais como esse, a “percepção do sistema além do sítio particular da pesquisa permanece contingente e não assumida. No entanto, o que se passa no local particular em que a pesquisa é conduzida é frequentemente calibrado em suas implicações pelo que se passa em outro lugar relacionado, ou outros locais, ainda que tais lugares não estejam no enquadramento do projeto de pesquisa ou na etnografia resultante” (MARCUS, 1996: 80).

8 Como também destaca Paulo Filipe Monteiro (1994: 1), “a emigração começou a ser discutida pelos intelectuais do século XIX nos quadros de uma ‘patologia social da nação’”.

A profunda crise econômica vivenciada em concomitância com a lenta degradação do império colonial estão na base do fenômeno emigratório naquele contexto. O século XIX, portanto, pode ser recortado como o momento de primeiro grande ímpeto de uma torrente emigratória que, em verdade, nunca cessou de fato. O século XX, contudo, trouxe consigo mudanças significativas na constituição dos fluxos migratórios em Portugal. O regime ditatorial que foi se configurando em Portugal a partir de 1926 sob o comando de António de Oliveira Salazar imprimiu diretrizes ideológicas que acentuaram o trabalho de “invenção das tradições” em torno da figura do imigrante e de sua origem majoritariamente campesina. Entretanto, a política cultural de elaboração do camponês como português ideal encontrou seu limite na emigração crescente, sobretudo porque os emigrantes passaram a se destinar cada vez mais às metrópoles europeias. A emigração, portanto, constituiu um desafio à propaganda nacionalista do regime salazarista e precisou ser, de algum modo, integrada satisfatoriamente em seu discurso.

Mais do que enfrentar ou criminalizar a emigração, os intentos se concentraram em incorporá-la em um modelo de nação imaginada de modo descontínuo. Embora a emigração fosse oficialmente controlada durante a maior parte do regime e a emigração ilegal punida com a prisão, “o Estado nunca atuou rigorosamente sobre a questão da emigração clandestina” (BRETTELL, 2003: 13), ou seja, lidava de modo mais ou menos frouxo com a saída ilegal da população. No aspecto estrategicamente ideológico, isso significou, por um lado, a inclusão do emigrante na base do discurso nacionalista do regime e, por outro, tornou explícita a sua incapacidade para conter de modo total a emigração. Diante das progressivas dificuldades econômicas, a emigração acabou convertendo-se em uma fonte importante de entrada de capital (sobretudo por meio da remessa de dinheiro dos emigrantes para os familiares que permaneciam em Portugal).

Já em direção ao fim do longo período ditatorial, a segunda metade do século XX pode ser encarada como o momento que consolidou a diáspora portuguesa. As guerras coloniais empreendidas na década de 1960 somaram-se aos fatores de pressão emigratória. Segundo João Baptista Pereira,

(...) não se pode desprezar a hipótese de uma relação direta entre o incremento da emigração ao redor de 1963 e os reflexos da guerra colonial (Angola), em 1966. (...) A guerra colonial fez com que a própria emigração se constituísse numa forma honrosa de a geração jovem, em idade militar, escapar da convocação (PEREIRA, 1982: 143)

É nesse ponto em que se insere a pesquisa. A emigração que se manteve razoavelmente constante ao longo do século XX, nas décadas de 1960 e 1970 viveu um ponto de inflexão

numérica relevante e atingiu seu ápice. Desse momento em diante é que se estabelece o recorte da pesquisa. Tendo em conta o processo histórico acima esboçado, o esforço doravante se concentra sobre as configurações locais que a emigração adquiriu em aldeias do interior nordeste de Portugal. Ou seja, passamos de um plano macro a um micro e essa variação de escala é que permitirá cruzar o enfoque aproximado da etnografia com os macrofenômenos.

O enquadramento histórico atua, portanto, como ponto de partida para uma discussão que cruza escalas do processo social e busca compreender como as tensões políticas atravessam a vida cotidiana e as trajetórias dos agentes, intimamente relacionadas e atravessadas por conjunturas amplas e à constituição do período pós-colonial⁹. O enfoque, portanto, limita-se a observar as permanências e mudanças envolvidas na reiterada escolha da emigração como alternativa prática sobretudo da década de 1960 em diante, período identificado como auge da emigração (SERRÃO, 1970).

Da aldeia às metrópoles

Para a consecução da pesquisa, realizei duas incursões a campo, mas não a “um” campo. A etnografia constituiu-se multilocalizada e, assim, por estar colada aos agentes e práticas, o trabalho de observação foi se movendo tanto quanto possível entre os contextos de destino imigratório e a aldeia em Portugal. A proposta de um enfoque multilocalizado desloca a perspectiva clássica da etnografia ligada a um sítio delimitado de pesquisa para propor que o trabalho de observação se faça no deslocamento, acompanhando os agentes e as dinâmicas por eles configuradas. Acompanhando os agentes migrantes desde seus contextos de destino, nos espaços doméstico e de trabalho, em seus bairros em Paris e em Bembibre, Espanha, e sobretudo durante o retorno à aldeia como uma experiência significativa do processo observado, o trabalho etnográfico se deu assim nesses diversos contextos, da metrópole francesa à pequena urbe espanhola e principalmente na aldeia, nos períodos de reencontro e celebração conjunta.

Vilas Boas, como a maioria das aldeias, é caracterizada por ter boa parte de sua população composta por idosos, muitos dos quais foram emigrantes e que voltaram a viver na aldeia definitivamente após conseguirem a aposentadoria. Grande parte da população adulta

9 Como sugere Jacques Revel, pretendo “construir uma modalidade nova de uma história social, atenta aos indivíduos percebidos em suas relações com outros indivíduos. Pois a escolha do individual não é vista aqui como contraditória à do social: ela deve tornar possível uma abordagem diferente deste, ao acompanhar o fio de um destino particular – de um homem, de um grupo – e com ele a multiplicidade dos espaços e dos tempos, a meada das relações nas quais ele se insere” (REVEL, 1998: 21).

residente na aldeia dedica-se à agricultura, seja como proprietários de pequeno porte que alimentam cooperativas no mercado local, seja como trabalhadores manuais temporários (a maioria absoluta dos casos). Aqueles que não se integram à agricultura, ocupam funções no comércio ou nos serviços nos centros urbanos mais próximos, a maior parte das vezes em Vila Flor (sede administrativa do Concelho).

Entre os que emigram, a maioria lidou ocasionalmente com a agricultura, de modo mais ou menos regular. De modo geral, hoje em dia opta-se pela emigração ainda na juventude, majoritariamente entre os dezoito e vinte e cinco anos, a depender da estrutura de oportunidades que se apresentam para cada um. Aqueles que possuem familiares próximos já emigrados e estabelecidos tendem a encontrar maior incentivo e oferta prévia de empregos. Há, no entanto, muitos casos de auxílio prestado por amigos e vizinhos. No final da década de 1960 a emigração era um tanto mais tardia. Entendo que passou a suceder cada vez mais aos jovens porque sua perenidade e constância por décadas acabou por sedimentar tanto uma ampla e sólida estrutura de acolhimento nos variados contextos de destino, quanto um acúmulo de saberes que favorecem a realização dos empreendimentos migratórios¹⁰. Havia ainda nos anos 1960 o fator político, já que a ditadura salazarista restringia a saída emigratória e exercia policiamento das fronteiras, o que tornava cada empreitada arriscada e exigia planejamento dos postulantes.

Vale a pena notar também que a emigração como processo social que perdura no tempo em Vilas Boas (obviamente nem sempre idêntico) teve momentos e tendências variadas. Importa assim elencar as tendências ou “ciclos” que se formaram localmente ao longo das décadas, em que determinadas localidades foram sendo “eleitas” como destinos preferenciais em variados momentos.

Desse modo, é possível apontar que até pelo menos o começo da década de 1950 o Brasil era o destino preferido dos emigrantes. Desse momento em diante foi que a tendência emigratória se redirecionou e redimensionou, tornando o Brasil um destino cada vez menos atraente em favor dos países vizinhos europeus. Destinos mais próximos significavam retornos mais constantes e participação mais regular na vida social da aldeia.

Para captar esse processo de viragem, recorri a entrevistas em profundidade com idosos regressados à aldeia. A interação com os anciãos possibilitou apreender algumas trajetórias sedimentadas e frequentemente referidas por outros agentes. Tidos pelos mais jovens como

10 Com base nessa consideração, torna-se possível pensar a emigração como um tipo de “padrão cultural”. A experiência emigratória acumulada por uns serve de referencial para outros que recorrem a esse *background*, espécie de conhecimento transferido geracionalmente e compartilhado. A esse respeito ver ANTUNES (1981: 18).

pioneiros entre aqueles que rumaram Europa adentro, o uso de entrevistas e observação com grupos que emigraram a partir da década de 1960 foi decisiva para compor um quadro desse contexto, marcado pelas tensões políticas que envolviam os projetos pessoais e familiares de cruzar fronteiras nacionais. O recorte temporal é também geracional e, portanto, se inicia com o grupo daqueles que desde finais da década de 1950 passaram a emigrar para destinos na Europa, sobretudo na França, com os quais realizei séries de entrevistas semi-estruturadas em profundidade, percorrendo a memória e atentando para os esforços de reconstrução das próprias trajetórias, bem como os modos de significar a pertença e o retorno nessas narrativas.

O senhor Clóvis (91 anos) e a senhora Brigitte (87 anos), por exemplo, são comumente lembrados como alguns dos primeiros a arriscarem uma trajetória até então bastante incomum operada entre o final da década de 1950 e início da década seguinte. São, portanto, um casal que emigrou para a França quando ainda não havia um conjunto significativo de relações referenciais lá estabelecido por agentes próximos, provenientes de sua aldeia e região.

Em uma das entrevistas gravadas, Brigitte contou que, antes de partir, ela e Clóvis, recém-casados, não eram proprietários de terra em Portugal. Conseguiram sua renda por meio de tarefas relacionadas à agricultura em geral, trabalhando para terceiros, mas, sobretudo, com a prática de pastoreio que seu marido exercia. Clóvis cuidava também das propriedades de um tio seu que vivia em Lisboa e que vinha à aldeia sempre no período da vindima (colheita da uva) para acompanhar de perto o trato de suas plantações. Em 1968 finalmente decidiram ir para a França, quando Brigitte contava já com trinta e quatro anos. Segundo ela, isso se deu porque tinha irmãs que já haviam lá se instalado desde 1964 e que “faziam propaganda” e pediam sua presença na França. Assim narra:

Sra. Brigitte: – Era difícil! A primeira vez que meu marido foi para a França... foi por *salto*¹¹, sabes? Mas ele não queria muito ir por conta dos prédios¹² do tio dele. Meu pai, que já lá estava, disse: – Que venha cá um genro acompanhar-me! A primeira vez que foram, a guarda prendeu-os [Clóvis e os cunhados]. Estiveram dois ou três dias presos e depois tiveram que pagar uma multa para sair. A minha mãe e as minhas irmãs tiveram de pedir dinheiro emprestado a uma pessoa para pagarem a *carreira*¹³ e cá tornarem. Isto foi em maio. Tinham ainda que responder [judicialmente] por irem embora da nação. Antes era assim, com o Salazar. Mas

¹¹ Cruzar a fronteira *a salto* é uma denominação nativa acerca do modo ilegal de emigrar. Durante quase todo o regime salazarista o controle sobre a emigração fez com que grande parte das empreitadas se desse de modo clandestino. Apesar da relativa frouxidão na fiscalização, os riscos de uma prisão ainda existiam e eram extremamente temidos.

¹² Terrenos com finalidade agrícola.

¹³ Ônibus.

antes que respondessem, os meus cunhados tornaram cá mandar um passador¹⁴ buscá-los, coitadinhos. Cá passei uma noite em nervos, eles foram-se embora e... passaram bem. Foram no princípio de julho meu marido e minha filha, e no mesmo dia ele foi trabalhar, porque já tinha lá quem lhe tivesse arranjado. Ora, isto foi em 1968. Trabalhou lá vinte e dois anos, sempre no mesmo patrão, vivemos sempre na mesma vila e ainda estamos lá hoje.

O caso da senhora Aline (82 anos) e seu marido, Marcondes (falecido em 2015, aos 78 anos), é bastante similar e ocorreu também a partir do final dos anos 1960. Ele trabalhou na indústria metalúrgica por alguns anos (foi funcionário na linha de produção de uma fábrica de peças para carro), mas na maior parte do tempo que passou na França esteve empregado na construção civil, sobretudo em obras públicas (segundo Dona Aline, na construção e reparo de estradas e demais vias públicas). Quem, no entanto, narrou toda a trajetória conjunta do casal foi a senhora Aline (o senhor Marcondes estava acamado na ocasião):

Senhora Aline: – Ah, filho! A vida na aldeia com meus pais foi trabalhar sempre. Bem novinha comecei... Olha, comecei a trabalhar aos 11 anos e pouco depois fui para o Porto, trabalhar servindo.

Pesquisador: – Mas como é que foi isso? Já foi para o Porto com serviço arranjado, encaminhada?

Senhora Aline: – Sim, sim. Por pessoas da minha aldeia. Porque eu não sou daqui (de Vilas Boas). Sou de Valtorno, conheces? Já estou aqui há 49 anos. Casei-me no dia 2 de março de 1963 e desde então passei a viver em Vilas Boas porque meu marido é daqui. Vivemos aqui em diferentes partes. Primeiro foi ali na [rua da] Lamela. Estivemos ali quatro anos e nesse período meu marido emigrou para a Espanha, para as *temporadas*. Passava lá três ou quatro meses, depois tornava cá vir. Esteve lá nas colheitas e nas minas de carvão. Passou algumas temporadas nas minas de carvão, uns quatro anos no total. Eu sempre aqui com os filhos... que remédio tinha? Tinha que aturá-los! Eram meus! [risos]. Depois então meu marido emigrou com os primos dele para a França e lá esteve ainda uns quatro anos sem mim. Fui para lá com promessa de emprego na fábrica de peças em que ele estava, mas isso não foi possível. Meu marido conseguiu-me então trabalho na agricultura, mas era longe doze quilômetros de onde morávamos...

Importa notar da trajetória de Aline e seu marido o aspecto familiar como algo que produz contingências decisivas, como uma força que é parte relevante do processo complexo de produção dos percursos migrantes. Veja-se a esse respeito que a emigração de Dona Aline foi precedida e amparada pela de seu marido, mas foi condicionada, entre outras coisas, sempre

¹⁴ O “passador” era uma espécie de facilitador das emigrações clandestinas que oferecia o serviço alegando suposto domínio de rotas e cobrando um valor pelo serviço. Famílias ou às vezes grupos de jovens amigos dividiam os custos dessa empreitada referentes aos honorários de um passador. José Portela e Sílvia Nobre afirmam que “esta economia era bem traduzida nas redes de engajadores-passadores, que promoviam o recrutamento, transporte, transbordo e, por vezes, alojamento inicial e ocupação de ‘emigrantes clandestinos’” (2001: 1111).

pela disposição de sua sogra de cuidar de seus filhos. Entre idas e vindas, Dona Aline esteve na França por cerca de doze anos, enquanto seu marido lá permaneceu pouco mais de vinte anos.

Vemos com esses exemplos que a França era já na década de 1960 um destino bastante acionado e se tornou, desde então, o principal destino dos aldeões de Vilas Boas (e de portugueses de um modo geral, como apontam as estatísticas). No entanto, nesse mesmo período e pela década seguinte adentro a Espanha também foi particularmente para Vilas Boas um destino comum. A aldeia fica relativamente próxima à fronteira e, fosse para trabalhos temporários (tal como no caso do Sr. Marcondes), fosse para trabalhos fixos, a Espanha foi destino bastante comum às vésperas do fim da ditadura. Bembibre (cidade da província de León, no noroeste da Espanha) atraiu muitos jovens em virtude da oferta de empregos na mineração de carvão¹⁵. As difícilimas condições de trabalho, no entanto, ocasionavam grande número de desistências.

Bembibre foi, inclusive, o primeiro lugar em que acompanhei emigrantes fora de Vilas Boas. Os poucos que ainda vivem ali são aqueles que conseguiram se aposentar e comprar um imóvel. Dentre esses está Damião (65 anos), que conheci na aldeia e acompanhei até a Espanha. Como colaborador-chave dessa etapa da pesquisa, ele me apresentou a cidade por meio de descrições de memórias durante caminhadas. Sua biografia foi emergindo aos poucos dessa interação e desses diálogos.

De outra geração, Damião também emigrou a salto, com um grupo de outros jovens amigos seus, em meados da década de 1970. Trabalhou *enterrado*¹⁶ por vinte e quatro anos para a empresa Minex, maior extratora da região, e passou ainda alguns anos antes de se aposentar, recebendo do governo benefícios afastado de suas funções, devido a complicações respiratórias decorrentes do trabalho exercido. O trabalho era severo e arriscado. Ele descreve e interpreta da seguinte maneira o trabalho nas minas:

Damião: Vi alguns amigos serem soterrados. Outros tantos serem tirados mortos de dentro das minas. Aquilo mexia comigo. Não consegui dormir e às vezes nem comer. Pensava que aquilo não fosse trabalho de gente. Mas era preciso persistir. Eu não podia voltar e escavar era o que me restava.

15 A respeito da atratividade de Bembibre como destino migratório, ver reportagem intitulada “El Crisol de Bembibre”, do Diário de León. As histórias de vida enfocadas no texto também se relacionam de algum modo ao trabalho na mineração. A reportagem destaca ainda a língua portuguesa como a segunda mais falada na região, logo após o espanhol, devido à presença dos contingentes português e caboverdeano. Disponível em: http://www.diariodeleon.es/noticias/revista/el-crisol-de-bembibre_612292.html (consultado pela última vez em 03 de maio de 2021).

16 Este pode ser tomado como um termo nativo, usado pelos ex-trabalhadores da mineração de carvão para se referirem à sua atividade de trabalho, realizada em minas subterrâneas.

Damião, assim como outros emigrantes, afirmou em sua narrativa autobiográfica que “não podia voltar”. Isso se deve às tensões que constituem as trajetórias individuais. Não por acaso, a autoridade patriarcal é constantemente acionada como justificativa para o afastamento. Desse modo, conquistar independência financeira e se desvincular do núcleo familiar representavam a máxima realização dos jovens solteiros que emigravam. Essa busca pela autorrealização, contudo, é acompanhada da projeção (tácita ou expressa) permanente de um retorno. O retorno é, nesse quadro, a etapa final de um processo nem sempre concluído ou bem-fadado de afastamento e reaproximação. Damião expressa com austeridade seu próprio exemplo:

Damião: Havia também aqueles que não conseguiam desgarrar das saias da mãe e voltavam logo a estar ao pé dos pais. Isso porque eram fracos, não tinham o espírito de liberdade para poderem se arranjar. Eu já aos quatorze anos emigrei e tive de me virar.

Damião chegou a ficar dezenove anos sem retornar a Vilas Boas. Voltou para encontrar o pai convalescente, a tempo de uma reconciliação. Refez, com isso, os laços com algumas irmãs, com quem passou a dividir a casa herdada do pai nos momentos de retorno à aldeia, sobretudo no verão, durante as festividades locais. Processos de herança são corriqueiros e complicados. No entanto, é ao redor da casa parental (estejam os pais vivos ou seja a casa herdada) que se concentra a reunião familiar durante as festas. Ao reformar a casa herdada dos pais, ao dividir a propriedade com irmãos, ao adquirir um terreno para plantio, ou ainda, como é bastante comum, ao construir uma casa, nova e exuberante, o emigrante recompõe o espaço aldeão de maneira incisiva. Ainda que a casa seja aberta tão somente de maneira ocasional, por força das festas de verão, das férias, ela é um símbolo material gravado no espaço, na maior parte do ano uma metonímia da família ausente.

Nos anos 1990, a maior parte das minas já havia encerrado as atividades. Com o declínio da exploração e a mecanização da mineração do carvão, Bembibre reorientou sua ordenação urbana. O fluxo local de jovens aldeões encerrou-se e a França voltou a ser por muito tempo o destino quase exclusivo da emigração (principalmente para Paris, mas também em boa parte para Bordeaux). E assim como na Espanha, nas cidades francesas alguns bairros aglutinam grupos de emigrantes que buscam manter a proximidade¹⁷ e sustentar relações familiares, de sociabilidade e vizinhança. Vale mencionar que a comunidade portuguesa de imigrantes chegou nos anos 1990 a ser a maior da França (SCOTT, 2010), ultrapassada numericamente apenas por

17 Desses bairros é que costumam partir, em caravana, grupos de emigrantes das mesmas aldeias ou de aldeias próximas, no momento do retorno anual a Portugal.

grupos de ex-colônias francesas. Mas mesmo hoje, é notório que a maioria dentre os emigrantes de Vilas Boas vive na França.

Não por acaso, a última etapa do trabalho de campo antes de retornar à aldeia foi realizado nos subúrbios de Paris. Quando da primeira passagem pela aldeia, em 2011, pude ampliar a rede de contatos que vinha construindo, o que me permitiu na segunda investida a campo acionar os novos contatos e executar a observação participante desde Paris, realizar parte da observação etnográfica no espaço da cidade e, então, seguir com os migrantes de volta à aldeia, em agosto, para a festa da Senhora da Assunção. No entanto, essa parte da pesquisa executada na porção francesa do campo social transnacional analiso em outros textos (RODRIGUES, 2013 e 2019). Adiante, analiso os percursos de volta e a experiência da festa e do reencontro.

Os retornos, a festa

Assim que cheguei a Portugal em meados de 2011 a primeira notícia que ouvi na televisão anunciava que naquele ano seriam fechadas cerca de trezentas escolas em aldeias no interior de Portugal por carência de demanda. É, de fato, notório o envelhecimento e esvaziamento das aldeias em Portugal. Os dados estatísticos e a observação atestam. Diante desse cenário, certo pessimismo sobre o futuro do modo de vida aldeão paira e é repetidamente repostado no debate público.

Em diversos casos, no entanto, a emigração em vez de apagar definitivamente os pequenos lugarejos e suas práticas, de alguma forma deu-lhes novo ensejo e vida (LEAL, 1996). Ou seja, a emigração permite, em diversos casos, que o contingente migrante, com interesse continuado nas aldeias, possa alimentar a vida social aldeã com seus rendimentos. Em grande parte, isso se dá também pelo financiamento da festa local.

Mas, para vislumbrar o fenômeno, é preciso ter ideia do que são as festividades populares que ocorrem no mês de agosto e que papel cumprem no ciclo migratório em Portugal. Esses festivais anuais são o principal referente para a renovação de um ciclo de afastamento e retorno. Durante o mês de agosto as aldeias, que na maior parte do ano vivem uma regularidade morna, monótona, revivificam-se. Deve-se destacar que é nesse contexto festivo que culmina todo o processo social aqui enfocado.

Em Vilas Boas as festas em celebração às crenças locais começam no final de julho e, acompanhadas pela chegada dos emigrantes, estendem-se até meados de agosto. Nesse quadro,

o baile e a romaria de Nossa Senhora da Assunção são o apogeu festivo tão ansiado ao longo do ano por emigrantes e residentes. Tanto pela dimensão profana da festa, quanto pela celebração do sagrado, a data pode ser considerada o momento salutar do ciclo ritual da aldeia. Ela demarca os intervalos da vida social e, assim, o retorno dos ausentes (SAYAD, 2000: 16).

É preciso dizer que nesse mesmo contexto de agosto inúmeras outras pequenas festas pululam nas aldeias menores, nas margens das freguesias. A maioria delas é denominada “Festa dos Emigrantes”, numa clara alusão à celebração do retorno, demonstração do reconhecimento da relevância deles na efetivação das celebrações e na movimentação da economia e da cultura locais. No entanto, alguns eventos do festivo verão português despertam maiores expectativas. É o caso da festa em Vilas Boas, que aglutina um conjunto bastante grande e diverso de agentes, com motivações igualmente diversas: romeiros de diversas regiões de Portugal e do estrangeiro, aldeões do entorno, fanfarras e grupos folclóricos, emigrantes etc. Parte de sua peculiaridade advém do fato de que, mais do que uma celebração fortuita, ela reencena uma parte da história local, já que as histórias de milagre de Nossa Senhora da Assunção, padroeira da aldeia, descrevem suas aparições no território da própria aldeia e de seus arrabaldes. Em virtude disso, o evento religioso dura, na verdade, vários dias, composto por um ciclo preparatório de procissões e missas que culminam nos dias quatorze e quinze de agosto, quando à noite acontecem os bailes e, na última tarde, o majestoso cortejo.

A festa, portanto, ocorre em função de um santuário situado no topo de um monte (sagrado) nas margens da aldeia. Trata-se de uma romaria que alterna ritualmente entre o cronograma religioso e as atividades de lazer profano. O cortejo final atravessa solenemente a aldeia, repleto de andores altamente ornamentados sendo carregados pelos fiéis devotos (muitos dos quais, emigrantes), cada um em culto a uma santidade católica. O último e mais suntuoso andor é o da santa padroeira e tem por função levar de volta a imagem ao altar do santuário.

Desse modo, entre os principais fatores identificados pela pesquisa como explicitamente centrais pela manutenção transnacional dos laços sociais entre emigrantes e aldeia, a religião (ao lado do parentesco) tem enorme destaque. Se, por um lado, os laços afetivos e os compromissos morais com o grupo familiar estimulam a participação continuada do emigrante na vida social da aldeia, por outro, a religião cumpre não apenas a função de religar os agentes ao plano divino, mas também religá-los à aldeia. Tão intimamente relacionadas com a história da aldeia, as comemorações religiosas do mês de agosto congregam enorme grupo de emigrantes que retornam para integrar as celebrações, cumprir alguma promessa ou até mesmo contribuir, prática e financeiramente, para sua realização.

Como tempo e espaço do reencontro coletivo e ritual entre os que partem e os que permanecem, a observação da festa revelou-se, além de um instrumento privilegiado, uma estratégia que se valeu do caráter cíclico da dinâmica emigratória para realizar a observação de uma situação de aglutinação de eventos e agentes, de grande intensidade de práticas e interações. Ou seja, durante os principais dias de celebração, o contingente migrante explicita publicamente seu interesse em se manter ligado ao local. Continuar participando e mesmo incentivando a realização da festa (com contribuições financeiras, participações nas procissões e eventos ou ainda apenas demarcando sua presença nos espaços comuns, de sociabilidade) significa para o emigrante requisitar também participação em uma economia simbólica de produção da aldeia, da identidade aldeã. Significa, para quem parte, a possibilidade de amenizar as propriedades disruptivas da emigração e encontrar no seu deslocamento algo que indique continuidade (das relações, dos referenciais simbólicos etc.).

Além de sua dimensão religiosa, a festa apresenta uma outra, não menos relevante, de sociabilidade lúdica. O baile é o desfecho em que se publiciza o novo status social do migrante por meio do dispêndio. Os projetos individuais de ascensão social apenas efetivam seu sentido na medida em que os signos do sucesso são coletivamente legitimados. Ou, como formula Caroline Brettell, “ao emigrar, migrantes portugueses estão procurando no exterior um meio de conquistar prestígio e mobilidade no interior de seu próprio sistema social” (BRETTELL, 2003: 64, tradução minha). É nesse quadro interativo que as relações e hierarquias sociais se atualizam.

A festa como um todo, portanto, é um tempo-espaço de consumo conspícuo e agonístico. Provar ou simular ser bem-sucedido economicamente tem como objetivo principal situar o emigrante em relação à comunidade, sugerir uma vitória pessoal na aposta tácita que cada migrante estabelece com a comunidade quando decide partir. Conforme Sayad (2000: 16),

(...) voltar rico, efetivamente ou somente em aparência, pois aqui a aparência conta talvez mais que a realidade, consiste em, de certa forma, querer fazer sua revanche social, mas também tornar claro para si e para os outros o sentido de sua emigração e de sua ausência, para que estas não sejam, uma e outra, pura vaidade, falência total, ato gratuito e, entretanto, absurdo, ato desprovido de qualquer significado, pois só há sentido e razão no reconhecimento que lhe atesta o grupo

A posse e o dispêndio ostentatórios pelos emigrantes, portanto, não podem ser lidos em uma chave reducionista, que busque explicar esse fenômeno apenas por meio de teorias abrangentes (que recorrem a chaves macroanalíticas como “sociedade de consumo”, por exemplo), nem em uma chave moralizante. O consumo situado nos períodos do retorno só pode ser bem compreendido quando esmiuçado em seus significados nativos, segundo a lógica local, integrado aos significados êmicos atribuídos à emigração e ao retorno.

Assim, o interesse por diversas vias manifesto pelos emigrantes em sustentar a pertença (por meio da casa que construiu, das remessas de dinheiro, da participação na festa etc.) sugere e subentende a projeção de um retorno. No sentido inverso, de modo similar, para todo aldeão está sempre colocada e latente a possibilidade de emigrar. Não há, portanto, posição estanque. Segundo narrativas elaboradas situacionalmente, ficar ou partir são modos de apostar no mesmo sistema social de valores. Enquanto pensam em partir ou anseiam retornar, aldeão e emigrante executam o mesmo cálculo, conforme as mesmas variáveis, num sistema social que, alargado, integra aldeia e destinos.

Conclusões

Doravante, o esvaziamento da aldeia é gradual nos dias que seguem ao festejo, modo pelo qual se encerra o curto ciclo do retorno e a aldeia vai voltando a se constituir sem a presença dos emigrantes. A maior parte dos emigrantes retorna à cidade, a contragosto, com uma aparente resignação de Sísifo¹⁸. Dessa forma afirmam uma última vez a contrariedade implicada na experiência migratória, ambígua e nunca resolvida, entre o projeto de partir e o desejo de permanecer¹⁹.

Considerando a centralidade conferida por Abdelmalek Sayad à noção de retorno (“elemento constitutivo da condição do imigrante” (2000)), destaquei os significados êmicos do regresso anual nos períodos festivos, observando os modos pelos quais a vida nos contextos de destino se articula à temporalidade propriamente local das celebrações (que são para as aldeias os grandes eventos anuais, altamente ansiados, e que congregam aldeões e emigrantes). Enfim, o engajamento reiterado dos emigrantes na festa sugere que é a aldeia que está no centro do próprio sentido atribuído aos deslocamentos (emigração e retornos). A aldeia está tanto na

¹⁸ O mito grego de Sísifo narra a história de um jovem condenado pelos deuses a carregar pela eternidade uma enorme pedra até o topo de um grande morro, de onde ela rolaria para a base novamente e sempre, de onde ele a deveria buscar a reiniciar o trabalho. Essa metáfora alude, portanto, à repetição incessante dos ciclos de afastamento e retorno, prenhes de angústias e expectativas. Nesse sentido, também Lea Feitas Perez (2002: 25) assinala em reflexão sobre o teor das festa que para aqueles que migram “é tal o poder revigorante da festa, que é justo dizer que [se vive] ‘na recordação de uma festa e na expectativa de outra’”.

¹⁹ Sayad (2000: 14) descreve esse sentimento comum compartilhado entre emigrantes e aldeões residentes como o “acordo do ausente”, em que tacitamente se comprazem “tanto o emigrante que se vai, não sem lamentar (é preciso que haja um lamento manifesto), e que tem necessidade disso para partir com a consciência em paz, quanto os presentes, aqueles que ficam e não têm outra escolha senão olhar o emigrante partir para contá-lo em seguida entre os ausentes”.

base dos sentidos de partir quanto de voltar. Ou seja, a aldeia é o referente principal do pertencimento e da ação social. Em termos nativos (tal como sugerido no título do artigo), Portugal é aldeia porque o sentido de pertença não se completa senão em solo aldeão.

Nesse contexto de reencontro, as relações familiares e de vizinhança que se distendem ao longo do ano são estruturantes das tensões que se interpõem entre os que partem e aqueles que permanecem, e se reconfiguram na prática. A dinâmica cultural dos trânsitos migratórios, por meio dos repetidos retornos, termina por dispor a aldeia no centro de uma série de processos translocais. Cidade e aldeia passam a constituir um mesmo sistema social em que a experiência do imigrante está sempre atravessada por suas estratégias de ascensão social na aldeia. A migração, assim, constitui um sistema em que os migrantes continuam produzindo a aldeia por meio de uma economia do movimento, em que o retorno opera decisivamente.

Referências bibliográficas

AGIER, M. “Os saberes urbanos da antropologia”, in: *Antropologia da cidade. Lugares, situações, movimentos*. São Paulo: Terceiro Nome, 2011, p. 59-88.

ANTUNES, M. L. M. “Migrações, mobilidade social e identidade cultural: factos e hipóteses sobre o caso português”, in: *Revista Análise Social*, vol. XVII (65), 1981 (1), p. 17-27.

BRETTELL, Caroline B. *Anthropology and Migration. Essays on transnationalism, ethnicity and identity*. Altamira Press, 2003.

BRITO, J. P. (1996) “Coerência, incerteza e ritual no calendário agrícola”, in: BRITO, J. P. et alii. (Coords.). *O Vôo do Arado*. Lisboa; Museu Nacional de Etnologia, p. 217-228.

FELDMAN-BIANCO, Bela. “Reinventando a localidade: globalização heterogênea, escala da cidade e a incorporação desigual de migrantes transnacionais”, in: *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 15, n.31, p. 19-50, jan./jun. 2009.

GLICK-SCHILLER, N. e LEVITT, P. “Conceptualizing Simultaneity: A Transnational Social Field Perspective on Society” in: *International Migration Review*, Vol. 38, No.3, Conceptual and Methodological Developments in the Study of International Migration (Fall, 2004), p. 1002-1039.

LEAL, J. “Festa e Emigração numa Freguesia Açoriana”, in: BRITO, J. P. et al. *O Vôo do Arado*. Lisboa: Museu Nacional de Etnologia, 1996, p. 583-590.

LEVITT, Peggy. “Social Remittances: How Global Culture is Created Locally”, in: *The Transnational Villagers*. Berkeley: University of California Press, 2001, p. 54-69.

MACHADO, Igor José de Renó. “Interação das fronteiras e o ponto de vista etnográfico-co: dinâmicas migratórias recentes em Governador Valadares”, in: *Horizontes Antropo-lógicos*, Porto Alegre, ano 15, n. 31, p. 167-187, jan./jun. 2009a.

_____. “O ponto de vista das famílias: etnografia sobre os emigrantes internacionais valadarenses (Brasil)”, in: PADILLA, Beatriz; XAVIER, Maria (Orgs.) *Revista Migrações*, no.5, out. 2009b, p. 155-168.

MARCUS, G. “Ethnography in/of the World System. The Emergence of Multi-Sited Ethnography”, in: *Ethnography Through Thick and Thin*. Princeton University Press, 1996, p. 79-104.

MONTEIRO, Paulo Filipe. *Emigração. O eterno mito do retorno*. Oeiras: Celta, 1994.

PAULO, Heloísa. *Aqui também é Portugal. A colônia portuguesa do Brasil e o Salazarismo*. Coimbra: Quarteto, 2000.

PEREIRA, João Baptista B. “Emigração e vida rural em Portugal” in: *Revista de Antropologia*, vol.25. São Paulo, 1982.

PEREZ, L. F. “Dionísio nos trópicos: festa religiosa e barroquização do mundo – Por uma antropologia das efervescências coletivas”, in: PASSOS, Mauro (Org.). *Festa na Vida. Significado e Imagens*. Petrópolis: Vozes, 2002.

PORTELA, José e NOBRE, Sílvia. “Entre Pinela e Paris: emigração e regressos”, in: *Revista Análise Social*, vol. XXXVI (161), 2001, p. 1105-1146.

REVEL, Jacques. “Microanálise e construção do social”, in: *Jogos de Escalas. A experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998, 15-38.

RODRIGUES, W. E. “*Meu Portugal é a aldeia*”: *etnografia de uma dinâmica de circulação migratória e práticas transnacionais*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, USP, 2013.

_____. “Da aldeia à metrópole e de volta: circulação transacional, relações e práticas de migrantes portugueses”, in: H. FRÚGOLI et *alli* (Orgs.) *Prática, conflitos, espaços: pesquisas em antropologia da cidade*. São Paulo: Terceiro Nome, 2019.

SAYAD, A. “O retorno: elemento constitutivo da condição do migrante”. *Travessia*, São Paulo, 13 (número especial): jan. 2000.

SCOTT, Ana Silvia. *Os Portugueses*. São Paulo: Contexto, 2010.

SERRÃO, Joel, “Conspecto histórico da emigração portuguesa”, *Análise Social*, XVIII (32), 1970, p. 597-617.